

“CLÃ” BOLSONARO: O “FUNDO DO POÇO” DA POLÍTICA BRASILEIRA

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 3 de julho de 2026

Em vídeo, cuidadosamente produzido e divulgado no último dia 25 de junho, a senhora Michelle Bolsonaro afirmou que foi “maltratada”, “desrespeitada”, “humilhada” e “apunhalada” pelo enteado Flávio Bolsonaro, pré-candidato a Presidente da República. O festival de maus-tratos teria ocorrido em um telefonema após a madrastra se opor à aliança do bolsonarismo com Ciro Gomes (PSDB) no Ceará.

Li mil e uma teorias para explicar a divulgação do vídeo na antessala da campanha eleitoral oficial para a Presidência da República. Uma pergunta foi posta por dezenas de analistas do quadro político-eleitoral: o capitão-presidiário autorizou a veiculação da mensagem bombástica de sua devotada esposa?

Independentemente da motivação (ou das motivações) para a produção e divulgação do vídeo, uma antiga convicção restou reforçada. O “clã” Bolsonaro (capitão-presidiário, madrastra, 01, 02, 03 e 04) concretiza o “fundo do poço” da política brasileira nos últimos anos.

No Brasil atual, com todas as suas enormes mazelas socioeconômicas, alguém pode ser conservador, liberal, “de direita”, “defensor dos valores da família” ou “temente a Deus”. Essas são opções legítimas no panorama dos pluralismos político e religioso assegurados pela Constituição brasileira de 1988 (art. 1º, inciso V; art. 5º, inciso VI; art. 17, entre outros).

O que se mostra completamente despropositado é a afirmação das ideias referidas por intermédio do “clã” Bolsonaro. Afinal, as práticas, os valores, a visão de mundo e as concepções espirituais reveladas pelos integrantes da família apontam nitidamente para um projeto de poder político dos mais mesquinhos, retrógrados e divorciados dos interesses da imensa maioria dos brasileiros.

Nessa linha, a verdadeira natureza do pré-candidato Flávio Bolsonaro vem sendo progressivamente exposta. A construção da imagem inicial de uma versão moderada, limpinha e confiável do bolsonarismo não durou mais do que algumas semanas. O que já era frágil, por conta de rachadinhas, “estranhas” operações imobiliárias, atividades empresariais “inusitadas” e estreitos vínculos com os milicianos cariocas e o crime organizado, afundou com a adesão à taxaçoão trumpista e os vínculos nebulosos com o “banqueiro” Daniel Vorcaro.

O petardo competentemente desferido pela madrasta acrescenta (ou acentua) ingredientes “incômodos” à candidatura do senhor Flávio Bolsonaro, como traição, desrespeito, misoginia, religiosidade de conveniência, falta de equilíbrio emocional e ausência de um projeto de país. As repercussões eleitorais negativas nos estratégicos eleitorados feminino, evangélico e “independente” provavelmente serão consideráveis.

Não sou petista. Não sou lulista. Aliás, não tenho a menor simpatia político-ideológica em relação ao senhor Lula da Silva. Acredito que o atual Presidente da República, por inúmeras razões explicitadas em outros escritos, é um pré-candidato ruim para o posto de principal mandatário da Nação. Entretanto, não consigo escapar da conclusão de que o senhor Flávio Bolsonaro (e seu “clã”) se caracteriza como uma opção pior, muito pior.